

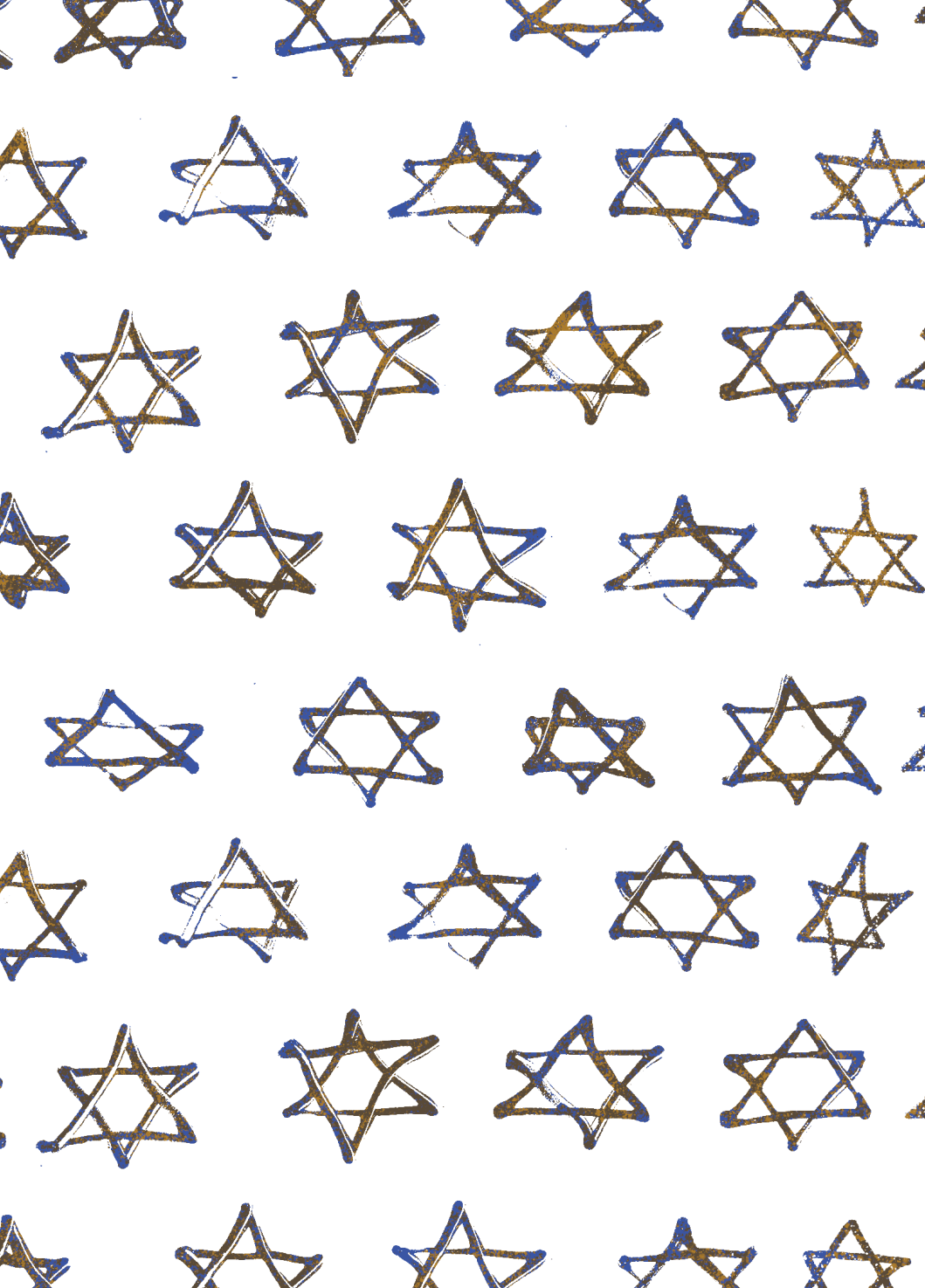
COLEÇÃO IBI

Guia contra o antissemitismo

O que é e como combater
o ódio aos judeus



Instituto
Brasil-Israel



O Instituto Brasil-Israel

Com o intuito de estimular o debate qualificado sobre Israel e os judeus no Brasil, e distanciando-se de visões preconceituosas e excepcionalizantes, o Instituto Brasil-Israel produz e dissemina conhecimento sobre Israel, acolhe e estimula o diálogo com os públicos que constituem a sociedade civil brasileira e combate o antissemitismo. Prezando sempre pela qualidade e diversidade, o instituto incorpora uma rede ampla de colaboradores, segue uma linguagem plural e convida ao debate também vozes discordantes.

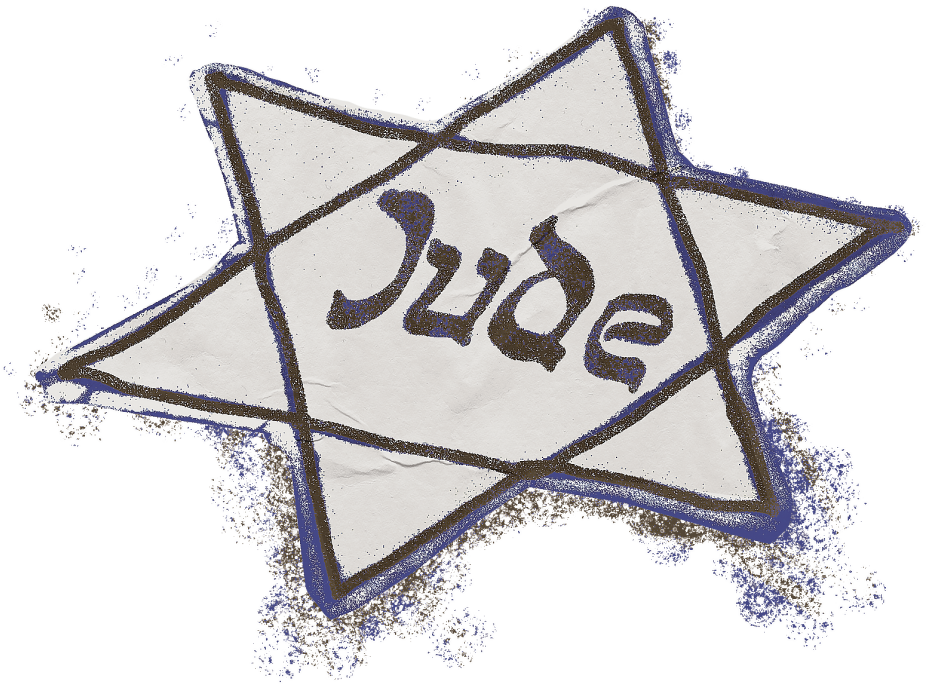
Sumário

1. O que é este guia?	5
2. O que é antissemitismo	7
3. História do antissemitismo	11
4. Antissemitismo hoje: perspectiva de antissemitismo nacional	19
5. Antissemitismo e antissionismo	21
6. Antissemitismo no Brasil	26
7. O que fazer ao presenciar um comportamento antissemita?	28
Conclusão	30
Anexos	31
Bibliografia	33

1. O que é este guia?

O antissemitismo é um tipo de discriminação, presente em praticamente todo o mundo. No entanto, por muitas vezes é difícil identificar o antissemitismo. Seria um preconceito religioso ou uma discriminação racial? Ou talvez as duas coisas? Pode ser comparado à xenofobia? E de que forma ele se manifesta? Todas estas (e tantas outras) são perguntas relevantes para uma compreensão qualificada sobre o tema.

Este Guia tem como objetivo trazer informações, definições e propor um debate sobre o antissemitismo, e as formas de combatê-lo. Partimos do princípio de que nenhuma forma de discriminação é justificável, e uma sociedade saudável deve enfrentar o preconceito de maneira consistente. **A luta contra o antissemitismo é a mesma que combate o racismo, a LGBTQIA+fobia, a xenofobia, a intolerância religiosa e tantas outras, contra o ódio, o preconceito, a ignorância e a intolerância.**



2. O que é antissemitismo?

SER JUDEU

Antes de debater “o que é antissemitismo”, devemos discutir o que é ser judeu. Normalmente, o judaísmo é relacionado apenas ao seu caráter religioso, e muitos acreditam que o judaísmo seja somente uma religião. O brasileiro judeu seria um cidadão brasileiro de religião judaica. Mas não é tão simples assim.

O judaísmo é também uma religião, mas é, acima de tudo, uma cultura. Há judeus que não praticam a religião judaica. Há, inclusive, judeus ateus. Porque ser judeu engloba uma gama de significados e identidades. A religião pode ser uma delas.

Os judeus são, historicamente, um povo que, durante quase dois mil anos, viveu disperso pelo mundo, mas, nos mil anos anteriores à dispersão, esteve concentrado majoritariamente na Terra de Israel. Ali se forjou a identidade nacional judaica antiga, que deu aos judeus um sentimento de pertencimento à terra, um idioma comum e a sua religião nacional (com forte vínculo com a terra).

Os judeus também produzem cultura: há uma dança israelita (que não é o mesmo que israelense, já que israelita, em português do Brasil, remete ao povo judeu, enquanto israelense refere-se aos cidadãos de Israel); há uma culinária judaica; há um humor judaico. Esses não são componentes religiosos. Por acaso alguém já escutou falar em uma culinária cristã ou islâmica? Ou em um humor budista? Cultura é um aspecto abrangente, que engloba, também, a religião.

ESTRELA "JUDE"

(à esq.) Estrela bordada nas roupas dos judeus durante o regime nazista, para identificar os cidadãos judeus na Alemanha.

Então, o que é ser judeu?
É Tudo isso. O judaísmo é
uma religião, um povo, uma
nacionalidade, uma cultura.

Então, o que é ser judeu? É tudo isso. O judaísmo é uma religião, um povo, uma nacionalidade, uma cultura. Há judeus que se identificam somente com algumas cores desta aquarela. E também há tipos de antissemitismo para todas elas.

O ANTISSEMITISMO: CONCEITOS

Da mesma maneira que o judaísmo corresponde a uma série de significados, há um antijudaísmo para cada um deles. Este antijudaísmo é comumente chamado de antissemitismo (ou judeofobia).. Há um antissemitismo religioso, um antissemitismo cultural, um antissemitismo nacional e um antissemitismo racista. E alguns tipos de antissemitismo mais sofisticados que misturam mais de um destes ingredientes.

Há diversas organizações de direitos humanos que trabalham com definições de antissemitismo. Algumas são distintas entre si, outras são complementares. Este Guia opta por trabalhar com uma definição da ADL (Liga Antidifamação) e outra do Nexus, força tarefa comandada por intelectuais sobretudo dos EUA no ano de 2019, que entenderam naquele momento ser necessária uma definição mais moderna para o conceito.

Definição do Nexus

"O antissemitismo consiste em crenças, atitudes, ações ou condições sistêmicas antijudaicas. Inclui crenças e sentimentos negativos sobre os judeus, comportamento hostil dirigido contra os judeus (porque são judeus) e condições que discriminam os judeus e impedem significativamente a sua capacidade de participar como iguais na vida política, religiosa, cultural, econômica ou social. Como personificação da organização e ação coletiva judaica, Israel funciona como uma espécie de imã e um alvo de comportamento antissemita. O documento do Nexus lista nove exemplos estruturais do que é antissemitismo, e outros quatro que não são antissemitismo (confira no Anexo).

Definição da ADL

Trata-se da definição dos anos 1970 da Liga Antidifamação Judaica. Sua definição é curta, mas há muitos trabalhos feitos pela organização.

"A crença ou comportamento hostil aos judeus só porque são judeus. Pode assumir a forma de ensinamentos religiosos que proclamam a inferioridade dos judeus, por exemplo, ou de esforços políticos para isolá-los, oprimi-los ou feri-los de outra forma. Também pode incluir opiniões preconceituosas ou estereotipadas sobre os judeus."



אשר
שנים
היה
מת
ביום

JACQUES LEVY
NE A QUAI CENTRE
LE 22 FEVRIER 1860
DEC A ST ASHLEY
LE 26 DECEMBRE 1938

XXXXXX

19
ביום
הוא
מת

ESTAVE BLOCH
LE 26 DEC 1862
DEC LE 10 JANV 1934

3. História do antissemitismo

NOMENCLATURA

Se o caso se refere aos judeus, por que o nome usual não é antijudaísmo ou judeofobia? Apesar do fenômeno de perseguições a todos os povos semitas (que usavam o idioma semítico, como o hebraico, o árabe e o amárico), o termo “antissemitismo” foi cunhado apenas na modernidade, na segunda metade do século XIX, pelo jornalista Wilhelm Marr (em alemão, *Antisemitismus*) para substituir (e dar ar de “cientificidade”, num contexto de surgimento da “ciência racial”) ao ódio judeu (em sua acepção antiga, *Judenhass*). Com o passar do tempo, a expressão foi usualmente relacionada à perseguição e ao ódio aos judeus exclusivamente.

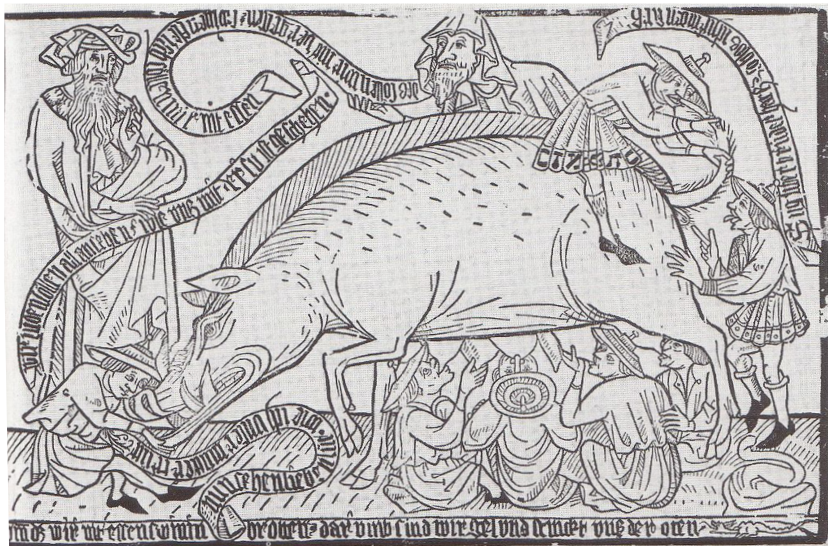
COMO SURGE?

Até o fim da Idade Antiga, os judeus não sofriam perseguições distintas de outros povos. As ações antijudaicas eram rigorosamente relacionadas à questão nacional da antiguidade. Judeus não gozavam de tratamento diferenciado de outras nações por serem judeus, não havia um ódio direcionado especificamente aos judeus. As tragédias ocorridas no seio do povo judeu na antiguidade, que geraram proibições de habitar determinados territórios ou realizar determinadas práticas culturais, a destruição de símbolos sagrados judaicos (como os dois templos sagrados) e até eventuais massacres, eram geralmente resultados de guerras e revoltas de cunho nacional. As consequências de

O ARCO DO TRIUNFO DE TITO

Nesse alto-relevo, é representada a destruição e pilhagem do templo de Jerusalém, após a guerra judaico-romana de 70 AEC.





A JUDENSAU (PORCA JUDIA)

Xilogravura alemã de 1470.

A ilustração, além de uma desumanização dos judeus, é uma zombaria com a lei judaica de proibição do consumo de carne de porco.

01 Vale lembrar que o judaísmo já era uma religião milenar, associada diretamente aos israelitas e aos judeus da Judeia, quando surge o cristianismo. A narrativa bíblica calcula que Jacó, o terceiro patriarca, tenha vivido por volta de 1500 AEC, e de sua semente surgiria o povo de Israel.

tais marcos históricos, portanto, eram comuns a todos os povos perdedores em ditos confrontos. Judeus não eram exclusivamente alvo de ataques ou perseguições.

O Édito de Milão (Os éditos eram pronunciamentos oficiais de leis, como um decreto ou mandato), publicado por Constantino, Imperador do Império Romano, em 313, foi um marco na história da perseguição aos judeus: aquele momento, o cristianismo se tornou a “religião oficial do Império Romano” e outras práticas religiosas, incluindo o judaísmo, foram condenadas¹.

A questão se intensificou sobretudo a partir de premissas do papado, que culpavam os judeus de deicídio (assassinato de Deus): segundo as determinadas interpretações bastante difundidas, os judeus teriam sido os responsáveis pela morte de Jesus de Nazaré, o messias cristão (ainda que,

segundo a própria narrativa cristã, a crucificação de Cristo tenha sido executada pelo Império Romano). O antissemitismo medieval era repleto de componentes religiosos, mas foi ganhando ares de racismo e de xenofobia com o passar do tempo.

MUDANÇAS AO LONGO DO TEMPO

Judeus se notabilizaram por desempenhar papéis singulares durante a Idade Média: o primeiro foi o comércio, uma vez que, dispersos, falantes do mesmo idioma e regidos pelas mesmas leis (judaicas), tinham facilidade com tal função, além das conexões com outras comunidades judaicas. Ao mesmo tempo, aos judeus era proibido possuir terras na Europa, e a agricultura era a principal atividade econômica do mundo na época. Isso empurrou os judeus para as cidades e burgos, facilitando o seu papel na atividade comercial. Com a decadência da atividade comercial, alguns judeus abastados desempenharam uma função proibida aos cristãos, a de usurários. Em resumo, uma atividade bancária financiando, mediante juros, empreendimentos da nobreza europeia. Tais atividades eram associadas a questões monetárias, e os judeus foram rapidamente estereotipados como amantes do dinheiro. Quando convinha, a nobreza local expulsava e atacava toda a comunidade judaica de determinada região, acusando-os de conspiração e extorsão, inclusive a grande maioria de judeus pobres, que jamais tiveram contato com este tipo de atividade.

Às vezes, tal estereótipo era mesclado com ingredientes religiosos. Judeus eram acusados de sequestrar crianças para usar seu sangue e produzir pão ázimo, torturar a hóstia, entre outras coisas. Não raramente judeus eram expulsos,



O JUDEU ERRANTE

Gravura de 1845. Representa o estereótipo medieval do judeu como povo sem raízes, sem nação, que vaga pelo mundo.

massacrados, eram humilhados e até queimados, acusados de bruxaria em praças públicas.

A Inquisição foi o evento histórico mais duradouro, mortal e significativo deste antissemitismo religioso. Após a expulsão dos judeus de determinados reinos (sobretudo da Península Ibérica), foi dada aos judeus a opção pela conversão ao catolicismo e a permanência nos seus países. A perseguição a estes cristãos novos foi implacável. Estes tinham constantemente sua cristandade posta em dúvida (com ou sem base), e eram submetidos a julgamentos realizados pelos Tribunais do Santo Ofício. Tais julgamentos frequentemente terminavam com cristãos novos acusados de “práticas judaizantes” com bens confiscados pela Igreja Católica, humilhados socialmente e até mesmo queimados na fogueira. A própria Igreja Católica pediu perdão aos judeus e aos cristãos novos pela Inquisição (no ano de 2004), que formalmente só teve fim no Século XX.

O ANTISSEMITISMO MODERNO

A modernidade trouxe aos judeus pela primeira vez os direitos iguais, e transformou-os em cidadãos. A religião judaica foi legalizada em boa parte do mundo, e isso possibilitou aos judeus integrar-se na sociedade e não viver de forma isolada. No entanto, a modernidade também trouxe o nacionalismo moderno e teorias pseudocientíficas, como a eugenia, uma doutrina racista, que consiste na seleção dos seres humanos com base em suas características hereditárias com objetivo de melhorar as gerações futuras, que resultaram em alguns dos maiores massacres da história da humanidade.

Ao mesmo tempo em que judeus se misturavam com a sociedade e rompiam mitos e preconceitos, o antissemitismo era algo estrutural nas

sociedades europeias (e nas cristãs, em geral). Era comum que judeus fossem impossibilitados de chegar a altos escalões em instituições públicas, ou não fossem selecionados para determinadas instituições de ensino.

O componente nacionalista trouxe a ideia do judeu apátrida. Os judeus estavam dispersos por diversos países, e, para o nacionalismo chauvinista, ou seja, aquele de orientação xenofóbica, de ódio ao estrangeiro, ele não pertencia a nenhum deles. Nesta abordagem, o judeu era visto como leal a outros judeus - ou ao dinheiro - não à sua nação.

O judeu era visto como leal a outros judeus - ou ao dinheiro - não à sua nação.



O TRAIADOR

Pintura de 1895, retrata a degradação militar de Alfred Dreyfus pelo exército francês.

Um caso emblemático e divisor de águas foi o Caso Dreyfus, ocorrido na França, em 1894. Uma acusação anônima de traição dentro do exército francês apontava um suspeito "oficial D" de cooperação com o inimigo alemão. O oficial Alfred Dreyfus, primeiro judeu que até então havia chegado ao mais alto escalão no exército francês, foi acusado e condenado injustamente por traição, sem provas, apenas por ser judeu. Toda uma campanha de antissemitismo foi difundida na sociedade francesa, sinagogas foram queimadas e judeus e seus negócios foram boicotados. O verdadeiro traidor foi descoberto, mas isso não ocultou o fato de que os judeus emancipados à sociedade ainda eram vistos com total

desconfiança. E justamente a França, o primeiro país a dar cidadania aos judeus e convidá-los a ser parte da sociedade democrática, foi o palco de tal caso.

O JUDEU-ARANHA

Na capa de uma edição francesa dos Protocolos dos Sábios de Sião, clichê antissemita típico da Europa, aqui representando o estereótipo do judaico-bolchevismo.



OS PROTOCOLOS DOS SÁBIOS DE SIÃO

Trata-se de uma obra surgida no Século XIX no Império Russo, que propôs ideias falaciosas para explicar a suposta “conspiração judaica internacional”. O texto conspiracionista é fundamentalmente antijudaico, e reúne 24 capítulos que fingem ser “atas” de encontros entre líderes judeus, que estariam arquitetando um “plano judaico de dominação do mundo”. O livro é, em si, uma grande mentira.

O livro foi publicado no Brasil em 1936, paralelamente ao processo de ascensão do nazismo. Os “Protocolos dos Sábios de Sião” colocam os judeus na figura de serem tanto poderosos quanto infiéis: ricos, em posições privilegiadas, capazes de influenciar em importantes decisões, pessoas que não se importam de verdade com o país onde vivem, pois, segundo a obra, são “inassimiláveis”. São fiéis apenas a si mesmos.

Apesar de o livro ter mais de um século e ter sido desmentido em diversas ocasiões, ainda hoje os argumentos que aparecem no texto são repetidos, com a ideia de judeus sempre estarem nos centros de poder e serem capazes de manipulações globais, além de terem ligações com o bolchevismo, em uma perspectiva antissemita sempre renovada de que judeus e comunismo seriam ameaças maiores quando juntos.

Tal obra foi o principal incentivo aos pogroms, massacres realizados pelas populações locais contra judeus, estereotipados como responsáveis por todo o tipo de mal que pairava sobre o reino. No

caso do Império Russo, em muitas ocasiões era o próprio czar quem incentivava tais atos, usando os judeus como bodes expiatórios, para não assumir responsabilidade perante a difícil realidade social enfrentada pela sua população.

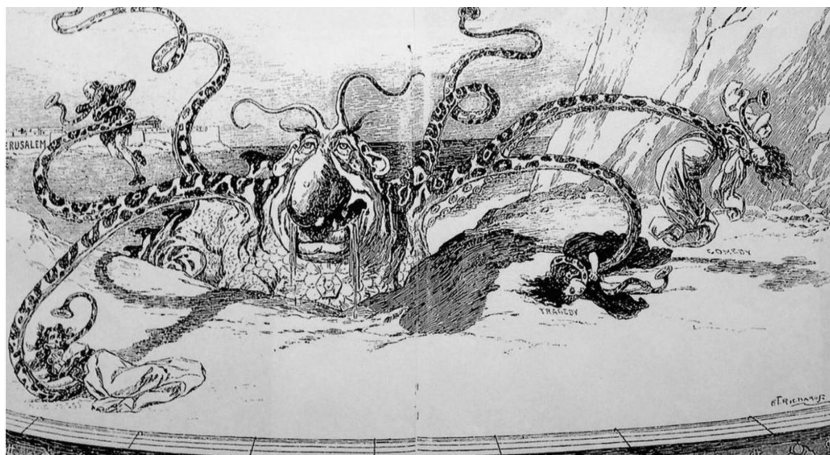
O NAZISMO

O que conhecemos por Holocausto (ou *Shoah*) é resultado do antissemitismo que surgiu muito antes da ascensão do nazismo. No entanto, a experiência do antissemitismo sob o nazismo assumiu dimensões nunca antes experienciadas.

A violência e o antissemitismo desencadeados pela Alemanha nazista sob a liderança de Adolf Hitler, entre 1933 e 1945, atingiu uma intensidade catastrófica durante a Segunda Guerra.

A intensificação do ódio contra os judeus e, posteriormente, o extermínio, foi um processo. Ensinado em escolas e difundido por via da propaganda, o antissemitismo tornou-se política oficial do governo nazista.

Em 1935, as “Leis Raciais do III Reich” definiram os judeus como “raça perigosa”, e assim, as Leis estariam justificadas pela “proteção do sangue alemão e da honra alemã”, resgatando a ideia conspiracionista de que os judeus constituíam um risco,



O POLVO JUDEU

Em ilustração na revista *Life*, de dezembro de 1897, clichê do judeu como manipulador que, com seus tentáculos, controla e destrói tudo ao seu redor.

que são sujos e que contaminariam (com ideias e doenças) a população alemã.

Esse argumento sustentaria a “Solução Final da Questão Judaica”, de 1941, que determinava a completa aniquilação dos judeus nos países ocupados pelo Eixo. Essa política foi o que levou aos Campos de Extermínio, além de todos os outros Campos de Concentração e de Trabalhos Forçados, que já existiam.

Como a história nos conta, mais de dez milhões de pessoas morreram sob o regime nazista: cerca de seis milhões eram pessoas judias; os outros eram compostos majoritariamente por ciganos, população LGBTQIAP+, testemunhas de Jeová, comunistas, pessoas com deficiência, negros e outras minorias. **Ao final, dois terços da população judaica da Europa foi exterminada – um a cada três judeus no mundo.** O genocídio do povo judeu é expresso como Holocausto (com origem na palavra grega que significa “tudo queimado”) e em hebraico como *Shoah* (“catástrofe”).

4. O antissemitismo hoje

Como vimos, o antissemitismo pode se manifestar de variadas maneiras. Alguns podem evocar uma perspectiva xenófoba, alegando que os judeus são essencialmente estrangeiros, e justificar sua desconfiança por questões religiosas (se teriam matado Jesus, por que deveríamos confiar neles?). Se o judaísmo pode ser uma religião, uma cultura, um povo e uma nação, o antissemitismo pode ter características de intolerância religiosa, conspiracionismo, racismo e xenofobia.

Em cada país do mundo ele se manifesta de uma maneira distinta, mas suas bases são as mesmas.

O antissemitismo, normalmente, aparece em ofensas direcionadas a uma pessoa ou aos judeus como grupo. Uma manifestação antissemita, inclusive, pode ser direcionada a grupos distintos e até mesmo contra não judeus – usando o “ser judeu” como ofensa até mesmo para pessoas que não estão dentro deste grupo.

As formas mais comuns de expressar o ódio contra judeus são acusações, difamações, discursos de incitação ao ódio em manifestações públicas, redes sociais, sites, plataformas de comunicação e portais de notícias, pichações de símbolos nazistas em espaços públicos e privados, além de violência física, agressões verbais, cerceamento de direitos, assassinatos e perseguições motivadas.

Mas, não estão fora do conjunto de ataques ofensas por meio de charges, supostas piadas, deboches e insinuações corriqueiras. Estas, aliás, são formas de antissemitismo muitas vezes blindadas sob o pretexto de liberdade de expressão e



O JUDAICO-BOLCHEVISMO

Cartoon antissemita que representa o comunismo como uma manipulação judaica.

artística, e imunidade do humor, supostas prerrogativas para o preconceito.

Alguns exemplos de Antissemitismo, segundo a IHRA (Aliança Internacional de Memória do Holocausto):

Negar, sob qualquer argumento, o Holocausto, seu alcance, seus efeitos ou sua intencionalidade genocidária contra judeus

Fazer alegações mentirosas e estereotipadas sobre os judeus ou sobre o suposto poder dos judeus de controlarem a mídia, a economia, o governo ou outras sociedades e instituições;

Acusar a totalidade de judeus de serem responsáveis por delitos reais ou imaginários cometidos por uma única pessoa ou mesmo por atos cometidos por não-judeus

Negar ao povo judeu seu direito à autodeterminação, em qualquer lugar;

Acusar judeus e suas instituições de exagerar” ou “inventar” o Holocausto

Usar símbolos associados ao antissemitismo clássico (por exemplo, imagens de judeus matando Jesus ou libelo de sangue) para caracterizar os judeus

Pedir, ajudar ou justificar o assassinato de, ou danos a judeus em nome de uma ideologia radical ou de uma visão extremista da religião

Considerar os judeus coletivamente responsáveis pelas ações do Estado de Israel

Podemos dizer que, em diversos aspectos, o antissemitismo se assemelha ao racismo no Brasil. O STF, inclusive, em uma ação nos anos 2000, considerou o antissemitismo análogo ao racismo.

Judeus, assim como negros ou indígenas, não podem ser preteridos em postos de trabalho por serem judeus, e a injúria contra judeus é considerada injúria racial. Em outros aspectos, quando o antissemitismo toma ares de intolerância religiosa, vemos profanação de sinagogas e cemitérios judaicos, assim como vemos incêndios criminosos de terreiros de religiões afro-brasileiras. E a forma mais moderna de manifestação antissemita é por meio da identidade nacional judaica.

A Confederação Israelita do Brasil (CONIB), em parceria com a Federação Israelita do Estado de São Paulo (FISESP), produziu um relatório sobre o antissemitismo no Brasil em 2022. Ali são analisadas as estatísticas de casos de crimes de ódio contra judeus, difusão de material nazista, negação do Holocausto, entre outras muitas variáveis. O link para o acesso ao relatório se encontra na nossa bibliografia.

5. Antissemitismo e antissionismo

SIONISMO

O sionismo é o nome que se dá à autodeterminação nacional judaica. Em outras palavras, ao direito do povo judeu a autoemancipar-se nacionalmente (criar um Estado nacional) em seu território. A autodeterminação nacional é um direito de todos os povos, e o sionismo é somente a maneira como se manifesta este direito inalienável do povo judeu.

O sionismo surge como uma resposta à questão judaica, ou seja, a contradição imposta, muitas

vezes, pela sociedade, por não aceitar que um indivíduo seja, ao mesmo tempo, judeu e cidadão de determinado país. Conforme vimos anteriormente, o Caso Dreyfus foi um exemplo de quanto a questão nacional provoca nos judeus a reflexão sobre sua aceitação em sociedades não-judaicas. Além disso, o judaísmo se manifesta de diversas maneiras, e uma das possíveis identidades judaicas é a de caráter nacional. Evocar o princípio de autodeterminação dos povos é uma prerrogativa também dos judeus.

Nem todos os judeus são sionistas, alguns (poucos) se consideram antissionistas, por diversas razões. Em geral, os judeus antissionistas não se veem como parte de um povo, mas sim de uma religião, e em parte dos casos sua relação com o Estado de Israel é antagônica, especialmente quando identificados com visões mais à esquerda no mapa político. Grupos ultraortodoxos que se assumem antissionistas afirmam que a existência de um Estado nacional moderno judaico seria uma afronta à profecia da chegada do Messias, uma vez que criaram uma soberania judaica secular na Terra de Israel antes da hora. Somente o enviado de Deus poderia determinar a soberania judaica na Terra de Israel, refundando o reino bíblico de Israel.

O sionismo é composto por diversas correntes, com distintos projetos de país (da esquerda à direita, religiosos ou laicos). Os projetos de Estado judeu mais difundidos e populares são de cunho liberal e democrático, tanto na esquerda quanto na direita. Algumas correntes, entretanto, propõem projetos ilegítimos, racistas e excludentes. Estas, no entanto, são marginais, embora venham ganhando força com o crescimento do discurso de ódio e extremista, que se populariza em todo o mundo.

CARTOON ANTISSIONISTA

Caricatura antissemítica, fazendo a comparação entre Israel e o nazismo.



«ТАЛАНТЫ» И ПОКЛОННИКИ.
Рис. В. КОНСТАНТИНОВА.

ANTISSIONISMO

O antissionismo é um fenômeno que nasceu de forma paralela ao sionismo, tanto no ambiente judaico, quanto no não-judaico. Varia desde aquelas ideias que consideram que os judeus não têm direito a um Estado nacional por não constituírem um povo, até aqueles que associam o sionismo a projetos colonialistas, à barbárie e ao racismo.

Negar aos judeus – e somente aos judeus – o direito à autodeterminação nacional, é uma espécie de manifestação antissemítica. Acusar o sionismo de configurar uma ideologia racista e colonialista certamente está contaminado de ingredientes antissemíticos, mas pode não ser essencialmente antissemitismo. Confundir as ações de governos israelenses com uma personalidade implícita do Estado de Israel é um grave erro. Classificar o sionismo e o Estado de Israel como forma de colonialismo europeu e estadunidense no Oriente Médio é um equívoco facilmente visto em discursos da esquerda. Criticar ações diversas do Estado de Israel sem evocar a destruição do país, negar o direito do povo judeu à autodeterminação e justificar a morte de civis israelenses, por outro lado, é legítimo.

ISRAEL DISCRIMINA POPULAÇÕES NÃO JUDAICAS?

O Estado de Israel hoje tem pouco mais de 9 milhões de habitantes, dos quais 75% são judeus e 25% são de outros grupos étnico-nacionais. Os árabes cidadãos de Israel são cerca de 21% da população israelense, ou 2 milhões de pessoas. Em Israel há árabes muçulmanos (a maioria), cristãos e drusos. Em grande maioria, vivem em cidades e aldeias próprias, mas há cidades com populações mistas de árabes e judeus.

Os árabes cidadãos de Israel têm rigorosamente os mesmos direitos que os judeus cidadãos de Israel, sociais, civis e políticos. E têm alguns direitos de minoria nacional, como a isenção ao serviço militar, por exemplo, ou o direito à educação pública em idioma árabe. São médicos, advogados, policiais, juízes nos vários níveis, professores universitários, etc. A resposta, portanto, é negativa. Israel não discrimina legalmente populações não-judaicas no país.

Porém, não há dúvidas de que a população árabe-israelense sofre discriminação social de parte da população judaica, e de determinados governos. O racismo, lamentavelmente, está presente em todo o mundo, e isso não é distinto em Israel. E boa parte dos governos em Israel priva populações árabes de investimentos sociais, o que faz com que os índices educacionais sejam mais baixos na sociedade árabe do que no meio judaico. É visível também a diferença de investimento na infraestrutura e no combate à violência urbana na sociedade árabe em Israel. São problemas sociais graves, que começaram a ser tratados tardiamente. A maioria dos árabes cidadãos de Israel, apesar destes problemas, se identificam como israelenses e não planejam deixar o país.

Distinta é a situação dos palestinos, que vivem nos territórios ocupados por Israel em 1967. Estes não têm cidadania israelense, não possuem direitos plenos e vivem sob um regime de ocupação há mais de 50 anos. Israel, todavia, não declarou soberania sobre estes territórios, deixando claro que a situação tem status temporário (apesar da longa duração).

JUDEUS DA DIÁSPORA E ISRAEL

Diversas pesquisas apontam que, atualmente, a

CARTAZ NEGACIONISTA

Cartaz negacionista do Holocausto em protesto contra tirinha considerada islamofóbica em jornal dinamarquês.



Manifestantes queimam bandeira de Israel, em Bruxelas, Bélgica.



imensa maioria dos judeus do mundo, assim como a nossa organização, o IBI, são sionistas – leia-se: apoiam o direito de existência de um Estado Soberano para o povo judeu. Estes judeus, dispersos por todo o planeta – inclusive no Brasil –, não são cidadãos israelenses. Não pagam impostos em Israel, não votam nas eleições israelenses, não servem o exército de Israel e não têm poder de influência sobre o que acontece no país. São brasileiros judeus, franceses judeus, estadunidenses judeus ou membros de outras nações, com identidade judaica, que vivem suas vidas, votam, pagam seus impostos, servem (ou não) o exército em seus países de residência.

Tornou-se comum, ultimamente, que grupos críticos de Israel cobrem de judeus, em seus respectivos países, posicionamento frente às ações do governo israelense. Por ignorância ou não, esta é, certamente, uma postura antissemita. Judeu nenhum deve ser cobrado, muito menos boicotado, atacado ou insultado, por ações sobre as quais não tem quase nenhuma influência. Atacar os judeus brasileiros por ações do Estado de Israel é evocar o antissemitismo nacionalista que nasceu no século XIX e se notabilizou no Caso Dreyfus: a suspeição de que o judeu é um traidor da pátria em potencial, um estrangeiro que opta sempre pela sua identidade judaica frente a qualquer outra questão.

Ora, seria razoável que brasileiros de cultura árabe respondam por ações de governos de países árabes? Certamente não. Nem mesmo os israelenses deveriam ser cobrados por ações do seu governo, como se fossem culpados por algo. Por acaso seria justo que brasileiros fossem atacados e responsabilizados pelo desmatamento da Amazônia, pelo desaparecimento dos povos indígenas ou pela violência policial no país? Imaginem

se questionassem o direito à soberania da Amazônia dos brasileiros, usando como argumento o desmatamento e os ataques aos povos indígenas. Que adjetivos usariam para se referir a quem executa esses ataques?

6. Antissemitismo no Brasil

“Não existe antissemitismo no Brasil”. Esta é uma afirmação falsa e enganosa. É verdade que o antissemitismo no Brasil é menos visível que em outros países, parte porque a proporção de judeus frente à população total é muito pequena (cerca de 120 mil pessoas), parte porque o Brasil foi constituído em cima da ideia do mito da democracia racial e étnica. Isso, no entanto, não significa que não haja antissemitismo (nem racismo) no país. Há, e ele se manifesta de maneiras distintas, muitas vezes sutis, veladas e têm origens históricas marcantes.

Já foram judicializados diversos casos de antissemitismo no Brasil: desde uma editora que publicava obras nazistas e antissemitas, até o falso e infame Plano Cohen, forjado pelo governo para acusar uma conspiração judaico-comunista e servir de pretexto para a realização de um autogolpe, que deu início ao Estado Novo (1937-45). Houve (e há) ataques a sinagogas, a instituições judaicas, e o discurso conspiracionista está por toda a parte.

As manifestações contrárias a Israel no conflito com os palestinos muitas vezes contam com ingredientes antissemitas grosseiros que vão desde a queima da bandeira de Israel, até protestos em frente a instituições comerciais pertencentes a

judeus e a sinagogas, como se fossem os brasileiros judeus e não os governos de Israel os responsáveis por tais ações.

Outros casos ilustram o avanço de discursos antissemitas em espaços diversos, como o exemplo ocorrido em 2020, quando um pastor de certa

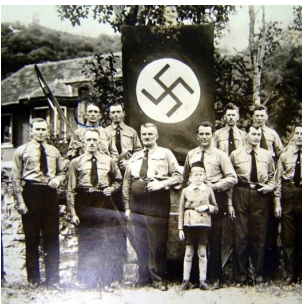
O número de inquéritos abertos por apologia ao nazismo cresceu 900% entre 2011 e 2021, segundo dados da Polícia Federal, chegando a 110 denúncias no último ano do levantamento. Em outro levantamento, feito pelo Observatório Judaico dos Direitos Humanos no Brasil, no relatório Eventos antissemitas e correlatos no Brasil, em 2019, os casos registrados de antissemitismo e neonazismo, somados, eram 24. Em 2021, subiram para 67.

denominação religiosa proferiu, a respeito dos judeus, durante um culto “Eles saíram às nações para compartilhar das suas heranças em benefício próprio, deitaram com as prostitutas, Senhor. Fizeram alianças, serviram ao mal e desejaram se alimentar com as bolotas e alfarrobas dos porcos, Deus. Porquanto, ficaram sem nada”. Em 2022, ele foi condenado a 18 anos e 6 meses de prisão por “induzir ou incitar a discriminação contra pessoas judias ou israelitas”.

Em 2019, o vereador por São Paulo Adilson Amadeu xingou um colega judeu, Daniel Annenberg, de “judeu filho da p***”. Três anos depois, Amadeu foi condenado por injúria racial a uma pena de um ano e quatro meses de prisão, a qual foi substituída por prestação de serviços à comunidade durante o mesmo período.

Não é necessário pregar o extermínio dos judeus para que o antissemitismo seja grave. Desumanizar os judeus foi só o primeiro passo dado pelos nazistas no processo de extermínio. Quando não combatemos o mal pela raiz, já conhecemos os potenciais resultados.

Grupo Nazista no Paraná.



7. O que fazer ao presenciar um comportamento antissemita?



Ao tomar uma posição, você pode usar as seguintes estratégias simples, mas eficazes, para responder a xingamentos, estereótipos, piadas e comportamentos antissemitas:

interrompa e estabeleça limites

Use essa estratégia para interromper a conversa e dialogar sobre o que acabou de ser dito, oferecendo informações adicionais.

"Vamos pausar a conversa, esse tipo de linguagem/comportamento não é aceitável aqui"



presuma boas intenções e explique o impacto

"Talvez você não queira fazer mal, mas o que você acabou de dizer machuca."

Não é necessário que você envergonhe, culpe ou insulte alguém que fez um comentário antissemita.

Coloque em perspectiva universal

"Você não pode fazer uma generalização sobre um grupo de pessoas com base em suas interações com uma pessoa ou um pequeno grupo, ou no que você ouviu falar."

faça conexões com o contexto histórico

Quando presenciar comportamentos antissemitas, estabeleça relações históricas com as origens do antissemitismo. Embora suas ocorrências assumam novas expressões na contemporaneidade, o antissemitismo carrega consigo características que remetem ao seu passado histórico.

"O que você disse fortalece um velho estereótipo. Vamos falar sobre de onde isso vem..."

Quando as pessoas expressam estereótipos antissemitas, elas estão atribuindo uma característica humana comum apenas aos judeus e assumindo que todos os judeus são exatamente iguais. Essa estratégia rompe com os estereótipos ao sugerir que a característica se aplica à humanidade em geral.

faça uma pergunta

Presuma que a pessoa não está sendo intencionalmente ofensiva e faça uma pergunta simples para iniciar o diálogo.

"O que você quer dizer com esse comentário?"



Conclusão

O antissemitismo é mais um mal que aflige o nosso país, e deve ser combatido. Este Guia se propõe a conscientizar, buscar reflexão e educar sobre um tema que não encontra eco no debate público. No entanto, temos muito claro que este trabalho não se encerra neste Guia, mas está em pleno processo. É preciso agir. Mais do que nunca, as ideias precisam se tornar ação, precisam ganhar o mundo, precisam educar para transformar. E isso só é possível quando reconhecemos que os direitos de todas as pessoas precisam ser assegurados, protegidos e promovidos.

Acreditamos que o diálogo é sempre possível e não prescinde da divergência, do eventual conflito, dos recuos argumentativos quando cabíveis. Mas, também, sabemos que só é possível dialogar com quem está disponível para o encontro, com tudo que isso significa.

Há muitos caminhos e formatos para abordar o antissemitismo e fazer frente a ele. Nosso objetivo maior aqui foi indicar alguns deles: como identificar, como entender historicamente, como reconhecer contemporaneamente, como trabalhar socialmente para que o Antissemitismo seja erradicado.

Sobretudo, sugerimos formas de ação. Silenciar não é uma opção, quando estamos diante de violações de direitos, de ameaças, ataques, extermínios. E novamente: não é apenas sobre judeus e judias, é sobre quem somos como sociedade. Nenhuma forma de racismo, discriminação, violência e intolerância pode ser aceita.

Anexos

O QUE É ANTISSEMITISMO?

1. Todas as alegações de antissemitismo feitas por judeus, como todas as alegações de discriminação e opressão em geral, devem ser tratadas com toda a atenção.

2. Se o discurso ou a conduta sobre o sionismo e Israel é antissemita, deve basear-se nos padrões de discurso ou conduta que se aplicam ao comportamento antissemita em geral.

3. É antissemita promover mitos, estereótipos ou atitudes sobre o sionismo e/ou Israel que derivem e/ou reforcem acusações e figuras de linguagem antissemitas. Esses incluem:

a) Caracterizar Israel como parte de uma sinistra conspiração mundial de controle judaico da mídia, da economia, do governo ou de outras instituições financeiras, culturais ou sociais.

b) Relacionar indiscriminadamente o sofrimento e as injustiças em todo o mundo a uma conspiração judaica oculta ou à mão maligna de Israel ou do sionismo.

c) Considerar indivíduos ou instituições, por serem judeus, a priori culpados de transgressões reais ou imaginárias cometidas por Israel.

d) Considerar os judeus como sendo a priori incapazes de deixar de lado a sua lealdade ao povo judeu e/ou a Israel.

e) Difamar ou negar a identidade judaica de certos judeus por serem vistos como detentores de uma posição "errada" (seja demasiado crítica ou demasiado favorável) em relação a Israel.

4. É antissemita usar símbolos e imagens que apresentem todos os judeus como coletivamente culpados pelas ações do Estado de Israel.

5. É antissemita atacar e/ou prejudicar fisicamente um judeu por causa de seu relacionamento com Israel.

6. É antissemita transmitir intensa hostilidade para com os judeus que estão ligados a Israel de uma forma que intencionalmente ou irresponsavelmente (agindo com desrespeito às potenciais consequências violentas) provoca violência antissemita.



7. É antissemita **tratar Israel de uma forma negativa**, com base na afirmação de que apenas aos judeus deveria ser negado o direito de se autodefinirem como um povo e de exercerem qualquer forma de autodeterminação.
8. É antissemita defender uma solução política que **nega aos judeus o direito de se definirem como povo**, negando-lhes assim – porque são judeus – o direito à autodeterminação.
9. É antissemita **tratar Israel de forma diferente apenas porque é um Estado judeu**, utilizando padrões diferentes daqueles aplicados a outros países.

0 QUE NÃO É ANTISSEMITISMO?

1. Via de regra, as **críticas ao sionismo e a Israel, a oposição às políticas de Israel** ou a ação política não violenta dirigida ao Estado de Israel e/ou às suas políticas não devem, como tais, ser consideradas antissemitas.

2. Mesmo as **críticas controversas, estridentes ou duras a Israel pelas suas políticas e ações**, incluindo aquelas que levaram à criação de Israel, não são, por si só, ilegítimas ou antissemitas.

3. **A oposição ao sionismo e/ou a Israel** não reflete necessariamente um ânimo antijudaico específico nem conduz positivamente a comportamentos e condições antissemitas (Por exemplo, alguém pode se opor ao princípio do nacionalismo ou à ideologia etnonacionalista. Da mesma forma, a experiência pessoal ou nacional de alguém pode ter sido adversamente afetada pela criação do Estado de Israel. Estas motivações ou atitudes em relação a Israel e/ou ao Sionismo não constituem necessariamente comportamento antissemita).

4. **Dar atenção desproporcional a Israel e tratá-lo de forma diferente** de outros países não é prova prima facie de antissemitismo. (Existem inúmeras razões para dedicar atenção especial a Israel e tratá-lo de forma diferente. Por exemplo, algumas pessoas preocupam-se mais com Israel; outras podem prestar mais atenção porque Israel tem uma relação especial com os Estados Unidos e recebe 4 bilhões de dólares em ajuda norte-americana).



Bibliografia

Relatório sobre Antissemitismo no Brasil em 2022: CONIB e FISESP (https://www.conib.org.br/images/user/2023-03/RELAT%C3%93RIO_ANTISSEMITISMO_CONIB_DSC_FISESP_-_2022.pdf.)

Definição prática de antissemitismo da IHRA (em português):
<https://www.holocaustremembrance.com/pt-pt/resources/working-definitions-charters/definicao-pratica-de-antissemitismo-da-ihra#:~:text=%C2%AB0%20antissemitismo%20%C3%A9%20uma%20determinada,e%20as%20instala%C3%A7%C3%B5es%20religiosas%20judaicas.%C2%BB>

A declaração de Jerusalém (em português):
<https://aterraeredonda.com.br/a-declaracao-de-jerusalem-sobre-antissemitismo/>

Definição de antissemitismo da ADL (em inglês):
<https://antisemitism.adl.org/>

LITERATURA SOBRE HISTÓRIA DO POVO JUDEU E ANTISSEMITISMO

Hannah Arendt, Origens do totalitarismo Anti-semitismo, instrumento de poder. Rio de Janeiro, ed. Documentário, 1975.
Antissemitismo & Antissionismo; Cadernos Conib nº 5, 2018.

Yehuda Bauer & Nili Keren, A history of the Holocaust; Edition: Publisher: Franklin Watts, New York, 2001.

Jean-Denis Bredin.O Caso Dreyfus. São Paulo. Scritta. 1993

Abba Eban, A História do Povo de Israel. Editora: Edições Bloch 2ª edição 1973

Anita Novinsky, Inquisição. Ensaios sobre Mentalidades, Heresias e Arte. Editorial Expressão e Cultura, Rio de Janeiro, 1992

Paul Johnson, História dos Judeus - Editora Imago, 1989

Walter Laqueur. Una historia del sionismo. por Walter Laqueur | Publisher: Holt & Company

Vamberto Moraes, Pequena História do Anti-Semitismo. Difusão Européia do Livro. São Paulo, 1972.

Eunice G. Pollack (org). From Antisemitism to Anti-Zionism: The Past & Present of a Lethal Ideology. 2017.

Jean-Paul Sartre, A Questão Judaica. Ed. Ática.São Paulo, 1995.

IMAGENS

Pág.6 - Estrela "Jude". Fonte: Coleção Magnes de Arte e Vida Judaica, da Universidade de Berkeley, no Flickr.

Pág.11 - O arco do triunfo de Tito. Fonte: Wikipédia Hebraica. https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/dd/Arc_de_Triumph_copy.jpg

Pág.12 - A Judensau (Porca Judia). Fonte: Eduard Fuch, Die Juden in der Karikatur, Munique, 1921. Domínio Público. Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/d/d5/Judensau_Blockbuch.jpg/1024px-Judensau_Blockbuch.jpg

Pág.14 - O judeu errante. Fonte: Paul Gavarni, domínio público. Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/9/96/Le_Juif_errant_Gavarni.jpg/800px-Le_Juif_errant_Gavarni.jpg

Pág.15 - O traidor. Fonte: Henry Meyer, domínio público. Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/5/52/Degradation_alfred_dreyfus.jpg/800px-Degradation_alfred_dreyfus.jpg

Pág.16 - O judeu-aranha. Fonte: Tablet Magazine <https://tablet-mag-images.b-cdn.net/production/d147978632d92e7fee89f130cd4dcbbf311c55d3-1808x2800.jpg?w=1200&q=70&auto=format&dpr=1>

Pág.18 - O polvo judeu. Fonte: Life Magazine, 9 de dezembro de 1897. <https://www.cambridge.org/core/journals/journal-of-the-gilded-age-and-progressive-era/article/abs/their-new-jerusalem-representations-of-jewish-immigrants-in-the-american-popular-press-18801903/D42ED098F2598A08596BB546B4CED736>

Pág.19 - O judaico-bolchevismo. Fonte: Holocaust Encyclopedia. <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/document/antisemitic-cartoon>

Pág.23 - Cartoon antissionista com caricatura antissemita. Fonte: ADL <https://www.adl.org/sites/default/files/images/2023-02/Contemporary-Anti-Zionism-1020-1.png>

Pág.25 - Cartaz negacionista. Fonte: Mohammad Kheirkhah/UPI Newscom <https://onlinal.ushmm.org/media/097af164-b33b-4992-a768-a5eef516c0bc.jpg>

Pág.25 - Foto: DIRK WAEM/BELGA/AFP via Getty Images

Pág.27 - Grupo Nazista no Paraná. Fonte: arquivo do DOPS do Paraná



**COLEÇÃO IBI - INSTITUTO BRASIL-ISRAEL
GUIA CONTRA O ANTISSEMITISMO**

Presidente Ruth Goldberg

Diretoria Claudio Bobrow, David Diesendruck, Eduardo Wurzmann,
Fábio Igelka, Karina Hotimski Igelka, Milton Seligman, Morris Kachani

Participaram desta edição Anelise Fróes, Anita Efraim, Bianca Bastos, Bia Müller, Carolline Mello, Fernando Lottenberg, Gabriel Carvalho, Gabriel Mizrahi, Ike Eskinazi, João Miragaya, João Torquato, Karina Calandrin, Livia Bitetti, Michel Gherman, Morris Kachani, Rafaela Weisman, Ruth Goldberg

Design Gráfico Prata Design

Impresso em Novembro de 2023, São Paulo.



Siga-nos em
nossas redes sociais

Instagram @institutobrasilisrael

Twitter @ibi_br

Tiktok @ibi_br

Acese nosso site
www.institutobrasilisrael.org

